

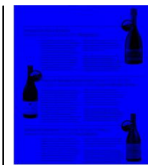


os melhores do ano

EXCELÊNCIA

O ano DOS Grandes Brancos

Portugal continua a produzir extraordinários vinhos um pouco por todo o lado e em todos os estilos. Mas este ano de 2016 fica marcado pela ascensão dos brancos: são oito entre os 30 melhores, dois Verde Alvarinho e seis de outras cinco regiões do país (Douro, Dão, Bairrada, Lisboa e Alentejo), quando no ano passado tinham sido apenas três, incluindo dois Alvarinho. Erodido pela subida dos brancos, o lote de tintos passou de 20 em 2015 para 15 em 2016. A lista completa-se com 3 Porto, 2 Moscatel de Setúbal, 1 Madeira e 1 espumante. Nove regiões estão representadas neste pódio de excelência.



Kompassus Blanc de Noirs Bairrada Espumante branco 2013 Kompassus

Os espumantes deste produtor bairradino, natural de Ourenã, um dos vértices do triângulo dourado da Bairrada, têm adotado desde o início da produção um perfil sempre alinhado pela finura de aroma e elegância de textura. São sempre espumantes mais próximos do rigor dos bons champagnes que do dito espumante bairradino. Dignos de absoluta confiança, são, em qualquer uma das gamas, um porto seguro para quem queira beber um bom exemplo de espumantes português a um preço totalmente razoável. Este Blanc de Noirs é o melhor espumante de momento de João Póvoa, feito de

Baga, Touriga Nacional e Pinot Noir. Mostra um nível de estrutura e complexidade que muito poucos espumantes no nosso país conseguem alcançar. Outra coisa não seria de esperar deste produtor e deste *terroir*. (JA)

Baga, Touriga Nacional e Pinot Noir. Tem uma bonita cor com leve tonalidade rosada, característica dos brancos de uvas tintas. Grande impacto aromático, super elegante, com notas de padaria, frutos secos, compota de ginja. A bolha finíssima desfaz-se na boca cremosa, seca e muito fresca, formando um conjunto requintado e cheio de classe apesar da evidente juventude. (13%)



Anselmo Mendes Parcela Única Vinho Verde Monção e Melgaço Alvarinho branco 2014 Anselmo Mendes Vinhos

Anselmo Mendes está umbilicalmente ligado à casta Alvarinho. Como produtor e enólogo, já não existem muitos mais segredos por desvendar nesta casta caprichosa. Com a marca Muros de Melgaço alcançou um registo ambicioso, com fermentação e estágio em barrica. Com o Curtimenta, Anselmo foi mais longe, produzindo um vinho à antiga, com maceração pelicular e fermentação com as películas. Não satisfeito, selecionou uma pequena parcela — 2 hectares — que produz o mais mineral e delicado dos Alvarinhos por si produzidos. Dessa parcela, cujas vinhas têm pouco mais de 20 anos, resulta este néctar, invariavelmente um dos melhores brancos

de Portugal. Para não deixar escapar toda a influência do *terroir* único, opta-se por uma prensagem suave de uvas inteiras. A fermentação ocorre em barricas novas de carvalho francês, mas de 400 litros, para marcar menos o vinho, mantendo-se nestas barricas durante 9 meses com batonnage sobre borras totais. (NOG)

O vinho mostra na vindima de 2014 o mesmo carácter de sempre, aqui se possível ainda mais austero e sisudo, mas também mais leve e refinado. Os aromas e sabores andam em torno dos minerais (pedra lascada) e citrinos (toranja, tangerina), e o tom geral contido, personalizado, com acidez e equilíbrio perfeitos são arrebatadores. (12,5%)

Quinta de Soalheiro Vinho Verde Monção e Melgaço Alvarinho Reserva branco 2015 VinuSoalleirus

Sempre que tenho uma garrafa de Quinta do Soalheiro Reserva diante de mim lembro-me dos Soalheiro “puros e duros” dos primeiros anos da década de 80, extraordinários vinhos da casta Alvarinho. E lembro-me também de elogiar um vinho a este produtor e ele me retorquir que havia melhor lá em casa, referindo-se à primeira edição de Quinta do Soalheiro Reserva, que saíra em breve a mercado, pela primeira vez, em 2006. Sempre vacilei entre o estilo de Alvarinho

fermentado em inox e o fermentado em madeira. Ambos conseguem chegar a um ponto altíssimo e este Reserva 2015, fermentado em barrica, é mais uma acha para o meu eterno dilema. (JA)

Notável na pureza e intensidade aromática, com notas citrinas e vegetais, um toque de especiarias vindo da barrica. A percepção fumada da madeira de fermentação está aqui na medida certa, potenciando a fruta e conferindo profundidade e complexidade ao conjunto. Gordo e cremoso, mas mantendo muita frescura, um branco de superior dimensão. (13%)





Barca Velha Douro tinto 2008

Sogrape Vinhos

A saída de uma nova edição do Barca Velha é sempre um acontecimento. Este não foi excepção, passados que foram quatro anos desde o anterior lançamento. Foi a partir do seu nascimento, em 1952, que se começou a falar de um verdadeiro topo de gama na região, um tinto requintado, raro e caro. Esse carácter quase mítico manteve-se nesta edição, mais pequena em quantidade e com preços que há alguns anos seriam totalmente impensáveis. Por aqui combinam-se todas as boas características que o Douro pode dar. Apreciei o tom vigoroso, centrado numa fruta ainda pujante, gostei de o ver um pouco mais afastado dos

aromas licorados que normalmente associávamos à marca, aplaudi a capacidade que mostra de ainda viver muitos e bons anos em cave, sustentado por uma acidez que desta vez é mais evidente. Um clássico moderno, um vinho de que o país se deve orgulhar. (JPM)

É antes do mais um tinto de enorme carácter, com fruta muito pura, taninos sólidos mas surpreendentemente finos e, sobretudo, uma notável frescura ácida, que lhe assegura desde já enorme longevidade. Um vinho personalizado, sublime, que faz inteira justiça à notoriedade da marca. (14%)



Chryseia Douro tinto 2014

Prats & Symington

A aventura duriense de Bruno Prats (ex-proprietário do Chateau Cos d'Estournel, em Bordéus) materializou-se num acordo com a família Symington e ganhou expressão com a aquisição da Quinta de Roriz, situada na margem esquerda do Douro, quinta essa que passou a ser a base deste tinto. A produção iniciou-se em 2000 e tem tido edição anual, salvo 2002 e 2010, anos em que não foi produzido. O desenho e concepção deste tinto teve variações ao longo do tempo mas, creio, foi a partir de 2011 que encontrou o seu modelo. A aposta na elegância, a maior presença

das boas características, quer aromáticas quer de prova de boca, que o Douro permite acabaram por ser realçadas e este 2014 vem exactamente nessa sequência. É um Douro polido, fino, mais mineral e com fruta mais subtil, servido depois por uma madeira bem mais ajuizada que agora encontramos. O trilho está, assim, traçado. (JPM)

O que mais atrai neste tinto feito com as Tourigas Nacional e Franca é o fantástico encaixe da fruta na altíssima qualidade da barrica de estágio. Tudo flui. Muito fruto de ameixa e cereja, algum chocolate preto, taninos gordos, muito finos, final longo, largo. Um vinho completo. (14,2%)

Conceito Único Douro branco 2015

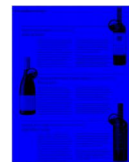
Conceito Vinhos

Os brancos de vinhas velhas têm mostrado que podem ser dos melhores que o país produz, nomeadamente no Douro. No caso dos vinhos Conceito, a opção sempre foi pelo estágio em barricas usadas, deixando assim mais espaço para que as castas se expressem devidamente. A criação do Único decorre da ideia de conseguir, nos anos considerados excepcionais, fazer um branco que resulte da selecção das melhores barricas (3º e 4º anos), desde que tal não afecte a qualidade normal do branco emblemático da casa, o Conceito. Temos aqui um vinho muito expressivo

aromaticamente, assente num lado mais mineral, mais austero, mas que resulta muito atractivo. É o tipo de branco que merece conversa, cheio, estruturado, muito gastronómico e com enorme potencial de vida em cave. (JPM)

Enorme riqueza e elegância aromática, com fruta citrina, maçã verde, sugestões minerais de pedra molhada, barrica de luxo discreta e perfeitamente integrada. Complexidade e profundidade marcam a prova de boca, num registo de grande delicadeza, frescura e sofisticação, resultando num vinho de notável equilíbrio e classe. (13%)





Quinta da Gaivosa Douro tinto 2011

Alves de Sousa

O tinto da Quinta da Gaivosa foi o primeiro topo de gama deste produtor e o vinho que ele sempre acarinhava como sendo a imagem de marca da casa. Nascido na quinta do mesmo nome e de vinhas velhas com mais de 80 anos, este tinto conserva-se durante muitos anos num registo de grande qualidade e a prova vertical de colheitas anteriores mostra que é tinto com estrutura e com alma. É a imagem da casa que está em causa e daqui esperamos sempre um tinto muito elegante, muito fino, polido em todos os elementos de prova e, consequentemente, um

vinho que dá muito prazer a beber. As vinhas velhas, contribuindo com concentração e riqueza de aromas e de corpo, ajudam a que ele tenha grande personalidade. Já o estágio em barricas novas dá-lhe o toque de modernidade, tão do agrado dos consumidores. (JPM)

A habitual elegância deste vinho e o tom mais concentrado da vindima de 2011 cruzam-se aqui na perfeição. É um tinto de enorme pureza e qualidade de fruta, maduro mas fresco, com total equilíbrio de corpo, tanino e acidez. Sedoso, polido, sofisticado, cheiro de presença. (14,5%)



Quinta da Manoella Vinhas Velhas Douro tinto 2014

Wine & Soul

A Quinta da Manoella é uma propriedade relativamente extensa (60 hectares) no Vale do Pinhão. Há muito pertencente ao portefólio da família Serôdio Borges (foi fundada em 1838), passou a ser gerida recentemente pela Wine & Soul na sequência de partilhas familiares. As duas parcelas de vinha mais velhas, com mais de 100 anos e apenas 4 hectares no total, comportam 30 castas diferentes e são uma autêntica «reliquia» (é assim que Jorge Serôdio Borges as descreve). As uvas são colhidas manualmente e sujeitas a um tratamento de luxo na adega, com pisa a pé em

lagar e fermentação malolática e estágio em madeira nova de carvalho francês por um longo período (podendo chegar a mais de 20 meses). As anteriores edições deste tinto já revelavam um perfil elegante e preciso. Na edição de 2014 acrescenta-se um final de boca explosivo. (NOG)

Vinha com mais de 100 anos. Nariz muito bonito, fruto azul delicado (mirtilos, amoras frescas), cacau em pó, especiaria fresca, barrica de luxo. Prova de boca muito saborosa, meio corpo, tanino fino, centro de boca delicado e sofisticado, mas com final explosivo. Soberbo tinto. (14%)

Quinta de S. José Douro Reserva tinto 2014

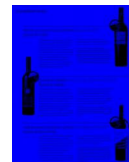
João Brito e Cunha

João Brito e Cunha – enólogo com créditos firmados no Douro – tem vindo, de forma progressiva e sustentada, a inserir os vinhos da quinta da sua família entre os melhores da região. O trabalho de vários anos na propriedade – sita na margem esquerda do rio, entre o Pinhão e o Tua –, permite-lhe conhecer bem as melhores vinhas e seleccioná-las para este Reserva que tem, por regra, uma parte significativa de Touriga Nacional, bem visível no perfil floral do vinho. O *terroir* específico da propriedade e a vinha virada a Norte, permitem um registo com nuances

minerais e frescas, com a barrica cada vez mais bem utilizada e menos presente. A nova adega, e novas plantações, asseguram o futuro da marca. Em 2014, numa colheita nem sempre fácil, o Reserva da quinta atingiu um nível muito alto, entre os melhores da região. (NOG)

Bastante concentrado na cor, quase opaco, vigoroso, metálico e químico, notas de alcatrão e chocolate amargo. Muito bem na boca, com vigor e complexo, muito bem desenhado e sem excessos. Madeira de luxo a dar nota de classe ao conjunto. (14,5%)





Quinta do Crasto Vinha da Ponte Douro tinto 2014

Quinta do Crasto

A Vinha da Ponte é uma das vinhas mais famosas do Douro, e uma de duas da Quinta do Crasto – a outra é a Maria Teresa – que tem o privilégio de, nos melhores anos, ver as suas uvas serem engarrafadas separadamente, produzindo um tinto topo de gama único, desde a sua primeira edição, em 1998. A vetusta idade da vinha (mais de cem anos), a sua heterogeneidade (dezenas de diferentes castas), e sua quase irrelevante dimensão (menos de 2 hectares), garantem uma qualidade altíssima e constante. A enologia – a cargo de Manuel Lobo há vários anos –, que

privilegia a complexidade aromática e a cremosidade em boca, tornam o perfil do vinho tão reconhecível como irresistível. (NOG)

É um vinho de múltiplos matizes e grande complexidade, apesar da evidente juventude. A fruta perfeitamente madura, lembrando ginja, amoras, combina-se com elegantes notas florais, minerais e balsâmicas. Taninos de luxo polidos por barrica não menos luxuosa, cacau, fumados, muitas especiarias num tinto pleno de personalidade e classe. Mais tempo de garrafa vai torná-lo grandioso. (14,5%)



Quinta do Vallado Douro Touriga Nacional tinto 2013

Quinta do Vallado

A Quinta do Vallado está sita praticamente na fronteira entre o Baixo e o Cima-Corgo. Na década de 90 do século passado centrou os seus esforços num tinto Colheita e, depois, num tinto Reserva feito a partir de vinhas velhas. Já no novo milénio, e com um portefólio cada vez mais diversificado (brancos, rosés, tintos e Portos), começou a engarrafar um varietal de Touriga Nacional com imediato sucesso junto do consumidor e da crítica. A verdade é que a casta se dá muito bem na propriedade, razão pela qual, a partir de 2007, o próprio Reserva da casa

também contém uma porção generosa de Touriga Nacional. Todas as edições deste monocasta se revelaram de enorme qualidade, variando por vezes o estilo consoante o ano agrícola. Em 2013, o vinho mostra-se ao seu melhor nível, com toda a exuberância da Touriga Nacional em evidência, mas sempre de forma controlada. (NOG)

Ervas do monte, minerais, muito fragrante, com a fruta violeta a marcar a expressão da casta. Muito fresco na boca, denso mas fluido, cítrico, com taninos e acidez em uníssono, notável equilíbrio, muito longo e distinto. (14%)

Vale do Inferno Quinta de La Rosa Douro Reserva tinto 2011

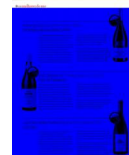
Quinta da Rosa Vinhos

Uma das vinhas da Quinta de La Rosa, no Pinhão, fica bem junto ao rio, tem o nome de Vale do Inferno e foi plantada originalmente há mais de 100 anos. A vinha é de uma beleza extraordinária, mas a idade e localização tornavam difícil a sua rentabilidade. Assim, entre 2005 e 2007, os 4 hectares foram replantados, com a Touriga Nacional a marcar presença no novo encepamento de forma largamente maioritária. Este tinto de 2011 (o primeiro das novas videiras a ser engarrafado) está magnífico, resultante de

uma seleção muito apertada feita pelo enólogo Jorge Morcira. São 1.500 garrafas de um vinho intenso e profundo, silvestre e selvagem, de um fantástico ano no Douro. (NOG)

Apenas 1.500 garrafas. Touriga Nacional e um pouco de Sousão. Muito puro no aroma, com belíssima presença de fruta silvestre, casca de citrinos, notas florais de grande qualidade. Na boca, a fruta muito fresca equilibra e dá leveza à enorme concentração e estrutura. Sólidos taninos contribuem para o brilho geral deste vinho, um tinto de guarda, para várias décadas. (14%)





Fonte do Ouro Dão Nobre branco 2015

Sociedade Agrícola Boas Quintas

Que a região do Dão é berço de grandes brancos todos sabemos; que Nuno Cancela de Abreu lá tem produzido alguns dos seus melhores vinhos também não é novidade; e que o seu nome se encontra intimamente relacionado com o renascer da região é uma evidência. Os vinhos de Nuno têm, também eles, sofrido mudanças de estilo e mutações, um pouco ao sabor das tendências do mercado. Hoje fazem-se brancos diferentes do que se procurava fazer há 10 anos e o que se pede a produtores e enólogos é que saibam posicionar-se no centro do furacão. No Dão, há muito que se

falava da categoria Dão Nobre sem que algum vinho tivesse chegado a tal desiderato. Este 2015, pela grande complexidade e pela riqueza de aromas e estrutura, é um excelente primeiro exemplar da nova categoria. (JPM)

Feito com 85% de Encruzado, 10% de Arinto e 5% de Cerceal. Aromas luxuosos da barrica, mel de acácia e baunilha, fruta madura sem excesso, num conjunto envolvente e sedutor. Excelente na boca, com as notas amanteigadas a conjugarem-se com referências vegetais e minerais, bela acidez e final fino de enorme classe. (13,5%)



Villa Oliveira Dão Touriga Nacional tinto 2011

Casa da Passarella

A Casa da Passarella tem uma história recente, cheia de sucessos, que não oblitera de forma alguma as suas velhas raízes. A casa teve a sua primeira pedra e as primeiras vinhas foram plantadas algures nas últimas décadas do século XIX. Entre as memórias da casa, apareceu aos novos proprietários algo físico, uma velha garrafa rotulada "Villa Oliveira Passarella 1893". A velha marca foi ressuscitada a partir da colheita de 2009, 100% feita de Touriga Nacional de uma vinha com 80 anos, vinificado em cuba de cimento com

leveduras autóctones, sem qualquer correcção, com maceração pós-fermentativa de um mês e estágio de 18 meses em barrica de carvalho francês. Com apenas 2500 garrafas produzidas, é e será o topo de gama da casa. Um monumento aos grandes vinhos do Dão e à sua casta mais nobre. (LA)

Aroma muito delicado, com notas florais, fruta vermelha viva, notas de ervas aromáticas. Corpo médio, belíssima acidez, taninos firmes, tudo elegante e fresco, com final explosivo, elegantíssimo, interminável. (13,5%)



Luís Pato Vinha Formal Bairrada Cercial branco 2014

Luís Pato

A Vinha Formal fica localizada em Óis do Bairro e foi comprada por Luís Pato em 1998. O encepamento da altura era de Bical, com algumas castas tintas "estranhas," que Luís arrancou para plantar Bical. Em 2009 plantou Cercial no meio das duas parcelas de Bical, e em 2016 re-enxertou os 2,2 hectares de Touriga Nacional com mais Cercial. O Luís Pato Vinha Formal branco nasceu em 1998 e sempre foi de Bical. O primeiro Cercial foi engarrafado em 2011, em homenagem ao

companheiro David Lopes Ramos, e circulou apenas entre alguns amigos. Este 2014 é, assim, herdeiro dessa homenagem primordial, e permite partilhar o carinho pelo nosso velho David. (LA)

Com mais este exemplo, a uva Cercial começa a afirmar-se como uma das melhores castas da Bairrada e de Portugal. O vinho tem uma elegância notável, com enorme frescura e mineralidade, assente em notas citrinas de laranja e tangerina. Leve, afinado, expressivo, com grande potencial de longevidade, fantástico. (12,5%)



* os melhores do ano

Quinta das Bágeiras Pai Abel Bairrada branco 2014

Mário Sérgio Alves Nuno

Existem mulheres que, sem serem bonitas, despertam no sexo oposto um *sex appeal* que outras mais bonitas e perfeitas não conseguem. Este vinho é um pouco isto. Sem ser o mais bonito dos brancos portugueses, provoca em mim sempre uma expectativa de encontro muito especial. Não é um vinho imediato, oferecido, não é conduzido pelo fruto ou pela tosta de barrica, mas sim um vinho que nos obriga ao diálogo, um branco com um carácter e determinação que impressionam quem o sente e admira. Vem de

uma vinha com mais de duas décadas onde se fazem duas vindimas: a primeira para espumante e a segunda, algumas semanas depois, para produzir esta minha velha paixão. (JA)

Maria Gomes e Bical, enorme personalidade no aroma austero mas elegante, com apontamentos minerais conjugados com notas citrinas, um leve floral. A componente de tangerina e limão reaparece no sabor intenso e vibrante, com acidez firme e grande solidez de conjunto. Sério, mas sempre muito fino e sofisticado, impressionante, cheio de brilho, grande expressão de terroir. (13,5%)



Adega Mãe Terroir Reg. Lisboa branco 2013

Adega Mãe

Um projecto do Grupo Riberalves, famoso pelo bacalhau, com 4,0 hectares de vinhas a 4,0km de Lisboa e a 10km do oceano Atlântico, o que traz frescura adicional aos vinhos. Após alguns anos de laboração, com tempo para experimentar as várias castas da propriedade, nasceu este Terroir, um branco topo de gama feito de Viosinho, Alvarinho e Arinto, das parcelas mais calcárias, para acentuar o perfil mineral e atlântico característico da região. O vinho fermentou em barricas usadas de carvalho francês com capacidade de 400 litros. As castas fermentaram separadamente e estagiaram 12 meses com

bâtonnage regular. O estágio prolongado em garrafa assegura complexidade adicional, num vinho que só será produzido em anos excepcionais. (LA)

Viosinho, Alvarinho e Arinto. Aroma de notável complexidade e finura, bastante mineral (sílex, pedra lascada), em que se misturam notas de citrinos, iodo e especiarias. Jovem ainda, parece que o tempo não passou por ele. Enorme equilíbrio de boca, rico e envolvente mas também leve, super fresco, incisivo, quase salgado no final muito longo, marcante. (12,5%)

Cortes de Cima Reg. Alentejano Reserva tinto 2012

Cortes de Cima

Os Jørgensen chegaram em 1988 à Vidigueira, e plantaram girassol, melão e tomate enquanto esperavam que as vinhas produzissem. Este vinho existe desde a sua primeira colheita de uvas. O primeiro vinho foi de 1996 e chamou-se Garrafeira, mas logo na edição seguinte adoptou o actual nome, Reserva. Sempre foi o topo de gama da casa, e sempre foi marcado por uma inesperada elegância e frescura. Feito apenas nos melhores anos, em 2012 fizeram-se apenas 5.200 garrafas, a partir de uvas desengaçadas de

Aragonez, Syrah, Touriga Nacional, Petit Verdot e Alicante Bouschet. Fermentado após longa maceração das películas, para realçar as características frutadas das castas, é estagiado em barricas novas de carvalho francês durante 14 meses. (LA)

Contido no aroma, com fruta madura e menta, muito fresco e completo, excelente complexidade. Corpo médio, muito texturado e super elegante, com acidez e taninos polidos, final muito longo, distinto e saboroso. Grande vinho. (14%)





Dolium Alentejo Reserva tinto 2014

Paulo Laureano Vinhos

A aposta nas castas portuguesas tem sido uma bandeira de Paulo Laureano. Por outro lado, tendo o seu centro de operações na Vidigueira, Laureano tira partido das características específicas dos solos e do clima daquela zona alentejana. Uma das castas que lhe tem merecido mais atenção é a Tinta Grossa e o seu passa por ser o único varietal daquela antiga casta da região. Para além dela, também o Alicante Bouschet tem merecido precioso destaque nos seus vinhos. Este tinto resulta de um lote de cinco castas e, como manda a tradição, foi feito em lagar com posterior estágio

em barrica nova. Aqui temos o Alentejo na sua versão mais austera e séria, com imensa concentração de fruta negra e de estrutura de aço, tudo com muita classe, a mostrar que tem um futuro promissor e muito longo pela frente. (JPM)

Alicante Bouschet (40%), com Tinta Grossa, Trincadeira, Alfrocheiro e Aragonez vinificadas em lagar. Grande presença aromática, com fruta madura, ameixas negras, leves tostados de grande classe. Estilo denso e fechado, taninos sólidos amaciados pela belíssima estrutura, muita garra, frescura e presença, imenso futuro. (14,5%)



Dona Maria Reg. Alentejano Grande Reserva tinto 2011

Júlio Bastos

Júlio Bastos tem vindo a surpreender os consumidores com vinhos personalizados e plenos de carácter. Este Grande Reserva foi criado na colheita de 2010 e replicado com grande sucesso na de 2011. A fórmula encontrada é claramente vencedora: uvas de vinhas velhas, pisa a pé em lagares de mármore e estágio em barricas novas. É assim um bom exemplar do "novo" Alentejo, feito com uvas e métodos do "antigo", assente na expressividade da casta Alicante Bouschet de vinhas velhas e no carácter que confere aos vinhos na zona específica de

Estremoz, aqui aliada de outras castas. Mais do que a elegância e a subtilidade, procurou-se a concentração, a riqueza de aromas de fruta negra, o vigor e a robustez. Temos um tinto que é uma força da Natureza e que não deixa de impressionar os sentidos. (JPM)

Vinhas velhas de Alicante Bouschet, e uvas de Touriga Nacional, Petit Verdot e Syrah. Complexas notas de fruto maduro muito bonito e exótico, grafite, especiaria doce (paprika), e levíssimo couro. Muito sabor na boca, tostados da barrica, fresco e amplo, terrivelmente gastronómico. (14,5%)

Estremus Reg. Alentejano tinto 2012

J. Portugal Ramos Vinhos

Na sua propriedade em Estremoz, João Portugal Ramos construiu uma gama de vinhos muito completa, com qualidade e carácter em todos os pontos de preço. O topo dessa gama esteve durante muitos anos estacionado no já histórico Marquês de Borba Reserva, um tinto nascido na colheita de 1997. Em 2011, a parada subiu, e João Ramos apresentou o Estremus, um vinho de quantidade muito limitada, feito numa vinha de 1,5 hectares à sombra do castelo de Estremoz, plantada com Trincadeira e Alicante Bouschet em linhas alternadas. As uvas fermentam

conjuntamente durante três dias em lagares de mármore, com pisa a pé, e terminam a fermentação em cuba de inox, onde depois o vinho macera durante 12 dias, antes de estagiar em barricas de carvalho francês. (LA)

A Trincadeira confere-lhe um tom de vegetal seco e de especiarias muito atractivo, com o Alicante Bouschet a mostrar seu lado de ameixa e amora madura. Grande mineralidade envolve todo o conjunto, com taninos sólidos e final superfresco e requintado. Longo, pleno de carácter, distinto, grande vinho do Alentejo. (14%)





Furtiva Lágrima Reg. Alentejano tinto 2013

Monte da Raposinha

Trata-se do topo de gama do Monte da Raposinha, Montargil, no extremo norte do Alentejo. Todos os vinhos do produtor, que desde 2013 conta com a colaboração de Susana Esteban na enologia, revelam um perfil delicado, típico, de resto, da (sub)região. Até o próprio Furtiva Lágrima, que é composto quase exclusivamente por Alicante Bouschet (uma casta que origina mostos poderosos), é um hino à elegância, todo num perfil polido. No topo do alargado portefólio da família Athaide encontramos o Athaide Grande Escolha e, em anos excepcionais, este Furtiva

Lágrima, que se deseja cada vez menos furtivo... Na edição de 2010 já tínhamos ficado muito impressionados com o apuro e frescura do vinho, mas a colheita de 2013 acrescentou finesse e um tanino maduro (dir-se-ia "à italiana") como há muito não provávamos em Portugal. (NOG)

Alicante Bouschet e um pouco de Touriga Nacional. Aroma jovem e penetrante, barrica luxosa, fumados bonitos, fruto negro elegante e fresco, praliné e chocolate. Muita cremosidade na boca, centro de prova definido, final delicado e fresco, muito longo. Belíssimo! (14,5%)



Herdade dos Grous Reg. Alentejano Reserva tinto 2013

Herdade dos Grous

A Herdade dos Grous é propriedade do grupo alemão DVAG e é dirigida desde 2002 por Luís Duarte. São 750 hectares com amplas áreas de lazer e várias produções agrícolas. A vinha ocupa 70ha. Este reserva tinto é feito todos os anos desde 2004, e é o topo de gama dos tintos da casa. Em 2013, o lote é feito com Alicante Bouschet (50%), Tinta Miúda (30%) e Touriga Nacional (20%), fermentadas em lagares com maceração prolongada e depois estagiados em barricas de carvalho francês durante 16 meses. Encheram-se 15.600 garrafas deste vinho que

oferece prazer imediato, graças à sua grande precisão e graça, mas que também envelhece muito bem, como ficou provado numa recente vertical de todos os reservas. Um Alentejano do Sul que mantém a sua frescura e elegância, sem perda de estrutura e complexidade. (LA)

Alicante Bouschet, Tinta Miúda e Touriga Nacional. Aroma complexo, quente e sedutor, ginja e morango, tosta da barrica, chocolate e alguma marroquinaria fina. Cheio na boca, vivo e saboroso, taninos maduros, seda pura. Um tinto de notável harmonia e qualidade. (14%)

Terrenus Vinha da Serra Alentejo Portalegre branco 2014

Rui Reguinga

Rui Reguinga chegou à serra de S. Mamede no ano de 1991, um gaiato acabado de sair da escola que trabalhava para João Portugal Ramos. Aqui fez alguns dos vinhos da Cooperativa local quando esta "mandava" na qualidade dos vinhos da região. Desde então nunca mais perdeu a serra "de vista" e volta em 2004 para fazer os seus próprios vinhos. Conhece a serra como poucos e tem um particular apreço pela zona de Porto da Espada, um vale de soutos a 600 metros de altitude, entre duas montanhas, e onde Rui possui uma vinha na continuação à crista quartzítica de Marvão. Lugar

de sonho para um vinho de sonho. Nele sentimos o rigor técnico do enólogo, impecavelmente casado com a força deste *terroir* de calhau duro e quartzítico de uma das vinhas mais altas de Portugal. Um encontro mágico. (JA)

Oriundo de vinhas centenárias, a 750 metros de altitude, é um vinho de enorme presença, muito complexo nos seus aromas e sabores (flores silvestres, toranja, estivas, ervas aromáticas), vibrante na frescura ácida, pleno de garra, elegância e, sobretudo, personalidade. Perdura longamente na boca, fantástico. (13,5%)





Burmester Porto Tawny 20 Anos

Sogevinus Fine Wines

A Burmester tem raízes antigas, que remontam a 1730, tendo já no século XXI sido comprada pelo Grupo Sogevinus, que procurou respeitar a identidade de cada uma das suas marcas. No caso da Burmester isso significou manter o estilo firme e estruturado dos vintages, mas acima de tudo preservar uma longa tradição de grandes tawnies, incluindo colheitas excelsos. Este 20 Anos contém toda a essência dos tawnies da Burmester, com grande delicadeza e elegância, sem descurar a intensidade e força. Com uvas do Cima Corgo e Douro Superior, envelhece 5 anos em tonéis de 15 a 20 mil litros,

completando depois o envelhecimento em pipas de 650 litros, com idades entre 15 e 50 anos. O vinho é acompanhado mensalmente e todos os anos é desenhado um lote para ser engarrafado. Mais do que um "estilo" 20 Anos, este é um vinho que tem de facto 20 anos. (LA)

Engarrafado em 2016. O castanho domina o dourado. Num fundo de caril surge o fumado e a tosta, caramelo, café, fruto seco, mel e noz. Na boca bastante refinamento, leve alfavema, cânfora, charuto, estilo cheio, muito profundo, com tanino a dar um final especiado muito vivo. (20%)



Ramos Pinto Quinta do Bom Retiro Porto Tawny 20 Anos

Adriano Ramos Pinto

Entre as categorias especiais de Vinho do Porto Tawny, o Datado 20 Anos passa por ser o vinho que reúne todas as características que um grande Tawny pode apresentar. É uma espécie de fiel da balança de cada uma das casas produtoras. Nele se reflecte não só o estilo da casa (mais doce, mais seco, mais ou menos velho, mais ou menos complexo ou imediato), como também a capacidade de lote do enólogo ou lotador responsável e ainda a versatilidade ou capacidade do stock de cada casa. O Ramos Pinto Tawny 20 Anos é um tawny absolutamente

completo. Talvez alguns Colheitas de mais idade consigam ir mais longe em complexidade e profundidade, mas o equilíbrio, ou melhor, a harmonia de prova deste vinho faz dele, sem dúvida, um dos meus Portos preferidos. (JA)

Engarrafado em 2016. Meloso, frutos secos, baunilha, casca de laranja com toque citrino suave, leve e elegante. Extremamente fino na boca, algum mineral, amêndoa amarga, toque de café, leve fumado, todo crocante e picante com nuance intensa e especiada. Fantástico de harmonia e frescura. (20,5%)



Vista Alegre Porto Tawny 20 Anos

Vallegre

A Quinta da Vista Alegre pertence à Vallegre, uma empresa cujos accionistas representam a quinta geração de uma família dedicada à produção de vinhos do vale do Douro. Situada na margem direita do Douro, entre a foz do Rio Pinhão e Covas do Douro, a quinta tem história que remonta ao fim do século XIX e mantém um importante stock de velhos tawnies, cujas uvas têm origem na própria quinta e são vinificadas em lagares. Este 20 Anos foi lançado pela primeira vez em 1991. O engarrafamento actual mostra já a mão de Pedro

Sá, que definiu um vinho ligeiramente mais seco do que era habitual, procurando destacar a harmonia entre elegância, frescura, complexidade e força. É um vinho vibrante e atraente, com o impacto dos tawnies envelhecidos no Douro. (LA)

Engarrafado em 2016. Cor castanha dourada, notas de amêndoa e amêndoa amarga, leve vinagrinho, tabaco, tosta velha com pátina, madeira exótica. Excelente prova de boca, complexo, largo, muito fresco, com todas as nuances do aroma, final muito longo a desenrolar-se em várias camadas. (20%)



Blandy's Madeira Bual 30 anos

Madeira Wine Company

Na Blandy's tenho uma referência que apenas foi ultrapassada por alguns Madeiras dos meados do século XIX. É o Blandy's Bual 1920 que, por acaso, é o vinho mais velho que ainda existe em casco nesta empresa. Muitos generosos da Madeira, inextinguíveis nas várias vertentes de prova, impressionam muitas vezes mais pela concentração e explosão de aromas do que pela sutileza e elegância de prova. Este Bual 1920 é um destes vinhos onde a sutileza consegue superiorizar-se à concentração e potência. Estes são para mim os vinhos que mais me marcam a memória e tocam mais decididamente as

minhas "campanhas do prazer". O Blandy's Bual 30 Anos segue esta mesma mensagem, todo mais em delicadeza e suavidade do que em força e concentração, é um magnífico generoso que só mesmo uma Ilha mágica, rodeada por inúmeros, imensuráveis e insondáveis mistérios atlânticos, consegue produzir. (JA)

Este tem 35 anos e inclui vinhos de 11 e 42 anos. Ligeiro na cor, delicado no aroma, todo em suavidade, bolo de mel, açúcar mascavado, mais seco do que o habitual. Final longo, especiado (canela, toque gengibre), com classe. (20%)



Bacalhôa Moscatel de Setúbal Superior 30 Anos 1985

Bacalhôa Vinhos de Portugal

Um dos meus vinhos generosos de sempre é um Moscatel Superior desta casa. Isto apenas para informar que alguns Moscatéis (e muitos deles são da Bacalhôa Vinhos) conseguem medir forças com os melhores generosos de Porto e eventualmente, superá-los. Aqui se produzem alguns dos melhores generosos do mundo. É num sistema de canteiro, onde os vinhos sofrem uma estufagem lenta, ao longo de muitos anos, em barricas que preparam primeiro alguns dos bons whiskies deste mundo, que estagiam estas preciosidades. É uma pena, e uma cruel

incógnita, estas autênticas relíquias em forma de vinho terem tão pouca rotação de mercado. Este, de 1985, sai a mercado 30 anos depois (enquanto o de 1983 saiu após 20 anos), mas não é por isso que não deixa de ser, novamente, um dos melhores generosos que provei até 2016. (JA)

Muito complexo. Fumados, leves iodados, torta de laranja, amêndoa, noz, avelã, mel num fundo extremamente inesperado de caril. Na boca é todo concentração e poder, caramelo, laranja, iodo, embrulhados em muita frescura balsâmica. Final estrondoso de bom. (19,5%)

José Maria da Fonseca Setúbal Moscatel Roxo 20 Anos

José Maria da Fonseca Vinhos

O Moscatel Roxo é uma casta curiosa. Resulta de uma mutação do moscatel do Douro mas foi em Setúbal que adquiriu fama e proveito. A casa José Maria da Fonseca pertence ao grupo restrito dos que não se conformaram com a provável extinção da casta e fizeram um esforço de plantação que, agora se vê, valeu a pena. Ao envelhecer em casco o Roxo ganha uma sutileza e uma elegância que fazem dele um generoso de primeira grandeza a nível mundial. Este 20 Anos, idade em que atinge a plenitude das suas características, mostra todas

as virtudes elevadas a um patamar de absoluta excelência, com uma tremenda qualidade. Foi dos vinhos que mais me impressionou durante 2016 e é um modelo inspirador para elevar o nome de Setúbal ainda mais alto. (JPM)

Concentrado na cor e nos aromas, com enorme riqueza e uma surpreendente austeridade, algo escuro e enigmático. Sugestões de café e iodo, ao lado das notas evolutivas que derivam do longo estágio em casco. Macio, muito harmonioso e especialmente longo. À beira da perfeição. (18%)





92 Prémios de Excelência sob o signo dos brancos

Todos os anos escolhemos os melhores vinhos da campanha que passou e a tarefa nunca é fácil. Da lista de 2016 destacam-se a presença maciça de vinhos brancos e as nove regiões representadas. Neste patamar de excelência, temos 15 tintos, oito brancos (dois Verde Alvarinho), três Porto, dois Moscatel de Setúbal, um Madeira e um espumante.